

os mundaia tinger deo. E...
Cidade de Tarso pia Cidade
le. Espo q y Tarso se entade
denanda os pombos e os p
lia. Ep Iherusalé aqles q de
das almas e dos corpos. Po
s pidos q effra de Tarso a se
tadema os pcegradores do au
fom e que pceja aos homs
ta dos gombos e dos pceja
pode q uyr aqha to panti
a paz e ledica e pzer pi to
obae toas tempo se fin e seu
dos pidos disseu os sabe
os carnes ta duras q no p
ta aqha com os cnes as
allho qas au moles e adup
y fomo ne enenta destmago

que dos pos en seu corpo. eo enteduro
e auomido pa nica conscenty nem
fizer ne luda coufa q seia cotm dea
e cotm sa alma ue en dmo de ne grai.
e entd guardam semp ofica et nido a
si como a Serpente guarda semp a sa
cabeca.

algua dos
melhos m
las aas do
cotempy a
home pa f
te q por el
deleyta es
fayo. que
magnuac
to seu coo



Cores

Actas do VII Colóquio da
Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de
Literatura Medieval

Isabel de Barros Dias
Carlos F. Clamote Carreto

Capa de: Esperança Marques

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**

Palácio Ceia - Rua da Escola Politécnica, 147

1269-001 Lisboa

[www. uab.pt](http://www.uab.pt)

e-mail: cvendas@univ-ab.pt

DL: 320783/10

ISBN: 978-972-674-702-4

De diversis coloribus... Repensar a cor na Idade Média

La couleur n'est pas seulement un phénomène physique et perceptif; c'est aussi une construction culturelle complexe, rebelle à toute généralisation sinon à toute analyse, et qui met en jeu des phénomènes nombreux et difficile. C'est sans doute pourquoi, au sein des études médiévales, rares sont les travaux qui lui sont consacrés...

Michel Pastoureau, *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*, Paris, Seuil, 2004, p.113

O VII Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval realizou-se em Lisboa, no Palácio Ceia, sede da Universidade Aberta, de 15 a 17 de Outubro de 2008, tendo-se subordinado ao tema “Cores”.

Pretendia-se com este tema despoletar a revisão de noções e, consequentemente, promover a discussão e enriquecer a reflexão num campo fértil, embora nem sempre explorado da melhor forma, tendo em conta os contrastados matizes que as cores assumem no campo representacional bem como o necessário rigor histórico e metodológico que uma abordagem deste tipo implica necessariamente, e dada a própria complexidade que lhe é inerente, sobretudo quando reportada a um mundo distante no tempo e de alteridade nacional e conceptual inegáveis, como é o caso do período medieval.

O tema proposto era, assim, simultaneamente, simples e complexo, evidente e cerrado, transparente e opaco... Mas as perspectivas e abordagens possíveis abriam um campo amplo aos investigadores, desde a cor, na sua materialidade/plasticidade física em diversas manifestações iconográficas (manuscritos, iluminuras, esculturas, pinturas...), até à cor como omnipresente motivo literário, como suporte metafórico dos processos retóricos que envolvem a escrita, ou a cor como sistema construído a partir da alternância, do contraste e da proximidade. Outros campos de representação poderiam também ser considerados, tais como a função da cor na heráldica ou enquanto elemento central na linguagem simbólica associada a determinados códigos e práticas sociais.

O Colóquio congregou um número considerável de investigadores cujas reflexões permitiram abrir horizontes teóricos e repensar a configuração das cores e do colorido, no e sobre o período medieval. O que agora se edita é o resultado destes três dias de trabalhos

Três conferências forneceram visões amplas e diversas pistas fundamentais sobre o tema, em três grandes áreas de base: a relação entre texto e imagem, o visualismo do texto e as cores retóricas (Aires A. Nascimento); a alternância das cores usadas nos manuscritos medievais, nomeadamente nas iniciais de certos códices afonsinos, e suas possíveis interpretações codicológicas e culturais (Inés Fernández-Ordóñez), e as constelações de sentido ao nível do imaginário que as referências textuais podem implicar e revelar, no quadro de vastos jogos semânticos (Helder Godinho).

As diversas comunicações apresentadas exploraram uma grande diversidade de possibilidades que foi possível organizar em quatro grandes grupos.

O conjunto de textos agrupados sob o título genérico **“Retórica e Semiologia”** integra contributos que exploram questões relacionadas com o uso retórico da linguagem. É o caso da exploração da dualidade “significação alegórica” / “dedução” no discurso argumentativo fabulístico (Ana Paiva Morais) ou do paralelo entre passagens onde a cor é usada como forma de disfarçar ou de esconder e o acto discursivo de mentir, estabelecido por Teresa Amado. O problema colocado pela hostilidade retórica existente em textos, como o *Horto do Esposo* que, no entanto, não desdenham recorrer a símbolos e a imagens poéticas é ponderado por Margarida Madureira que responde com a noção de uma “ética da beleza”. Aponta para idêntico sentido o estudo de Ana Maria Machado, que incide sobre textos de um *Flos Sanctorum* onde a percepção cromática está mais intimamente associada à interpretação teológica e ética do que a uma possível dimensão estética. Carlos F. Clamote Carreto estuda o aprofundamento da funcionalidade das cores na tessitura romanesca ao explorar a relação de isomorfismo entre arte poética e arte da textura, entre simulacro ficcional e retórica da cor, salientando nomeadamente o cromatismo vermelho sobre fundo branco que caracteriza o *Roman de la Rose ou de Guillaume de Dole* de Jean Renart. Ainda neste grupo, Manuel Ramos apresenta um percurso pelo entendimento de “cor” em termos de ornamento textual. Isabel de Barros Dias procede ao estudo da retórica contrastante que se estabelece entre as indicações explícitas de cores nos textos metafóricos e alegóricos de *Livros das Aves* e o cariz predominantemente realista das imagens existentes nos respectivos manuscritos.

As comunicações sobre **“Histórias e Romances”** incidem, em grande parte, sobre a historiografia ibérica. Filipe Alves Moreira estuda a funcionalidade do azul e do branco na crónica medieval na perspectiva da fixação das armas nacionais. Maria Joana Gomes estuda as indicações (ou omissões) de alterações de cor fisionómicas existentes no episódio da “Jura de Santa Gadea” em textos historiográficos afonsinos e pós afonsinos. A evolução da caracterização da Sibila Cassandra do pejorativo “ruiva” até ao amável “loira” da *General Estoria* afonsina, e suas explorações posteriores são traçadas por Mariana Leite. Rita Braga Gomes elabora um estudo morfossintáctico e semântico do texto da hipótese de reconstrução do que poderá ter sido a “Primeira Crónica Portuguesa”, sublinhando diferentes tonalidades discursivas. Já Albano Figueiredo oferece um percurso pelas crónicas de Fernão Lopes, destacando episódios onde se destaca um hiper-realismo cromático de grande dramaticidade. O romance arturiano é explorado por Isabel Sofia Calvário que destaca a funcionalidade textual das cores branca e vermelha em versões francesas e na versão ibérica do *Lanzarote del Lago*. Os livros de cavalaria portugueses são o objecto de estudo de Margarida Santos Alpalhão, que sublinha a funcionalidade das cores nas armas e nos escudos dos cavaleiros no quadro dos rituais e dos códigos sociais postos em cena em duas destas obras. Teresa Araújo, por seu turno, estuda o uso poético da cor no Romanceiro antigo, salientando noções cromáticas implícitas e respectivas intencionalidades semânticas.

Os contributos agrupados sob a denominação **“Cores líricas”** abordam questões como a presença da cor; a insinuação de cores e os seus significados em textos líricos. Graça Videira Lopes destaca a presença de sinestésias na produção trovadoresca, em detrimento de referências a cores concretas, identificando, no entanto, a paleta cromática das cantigas

amorosas que se opõe à das cantigas satíricas. Carlos Paulo Martínez Pereiro faz contrastar a cromofobia existente na obra dos trovadores galego-portugueses com o acentuado colorido das miniaturas marianas, estabelecendo um fértil paralelo entre texto e imagem. O uso da cor na poesia de finais da Idade Média, nomeadamente como indicador de caracterização moral, e a sua associação a alguns sentimentos, é o tema estudado por Maria Helena Marques Antunes. No *Cancionero General* de Hernan del Castillo encontra-se a obra de Nicolás Guevara, estudada por Sara Rodrigues de Sousa, que destaca o uso simbólico da cor enquanto matéria “de agudeza”.

O grupo **“Imagens e Imaginário”** integra textos que exploram diferentes perspectivas de análise, nomeadamente no campo do imaginário medieval – caso da ligação entre a cor branca e a noção de “Outro Mundo”, por Ana Margarida Chora – e das suas projecções em figuras marcantes da literatura, como faz Natália Lopes Nunes, ao estudar as relações entre a cor e o feminino. Uma ponte com a medicina é estabelecida por Margarida Reffóios que estuda a cor como sintoma de patologia clínica tal como descrita pelo saber médico medieval, em sintonia com a sua representação literária. A ligação ao campo concreto da coloração dos manuscritos e da(s) respectiva(s) leitura(s) é a base do estudo de Cristina Sobral que descortina um momento de escrita primitiva e um segundo tempo de leitura activa e cópia num manuscrito de Aveiro. O processo de coloração de um monumento – o túmulo da Rainha Santa Isabel –, por seu turno, é o objecto de reflexão do texto de Isabel Rosa Dias. O domínio da filosofia é revisitado por Elisa Gomes da Torre que percorre algumas teorizações sobre a cor na sua incontornável relação com a luz na sua dupla natureza de matéria e manifestação do espírito, nomeadamente por Robert Grosseteste. A encruzilhada entre filosofia e pintura sobressai da leitura semiótica que Pedro Farinha Gomes propõe da pintura de Malevitch, de acordo com a filosofia de Pierce. *Last but not least*, três contributos situam-se na área dos estudos de cinema, destacando o modo como neste domínio se perspectiva a Idade Média: o uso da cor no contexto de algumas questões metafísicas por Ingmar Bergman é estudado por Ana Bela Morais; a estética cinematográfica do branco, do negro e da cor, com especial destaque para o vermelho é ponderada por Julia Peslier; e Maria do Rosário Lupi Bello apresenta a visão contrastiva da Idade Média explorada por cineastas como Tarkovski, Robert Bresson e Peter Jackson.

O VII Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval e a edição das presentes Actas contaram com o apoio da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia; da Consejería Cultural da Embajada de España e, sobretudo, da Universidade Aberta, na pessoa do seu Reitor, o Professor Doutor Carlos Reis, que disponibilizou instalações, bem como os indispensáveis apoios administrativos e técnicos sem os quais a realização do Colóquio ou a edição das Actas não teriam sido possíveis. A todos o nosso sentido agradecimento. No que se refere especificamente à edição das presentes Actas, que tiveram lugar no quadro das actividades do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta e do Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário (CEIL) da UNL-FCSH, cumpre-nos ainda agradecer o incansável apoio do Sector de Edições da Universidade Aberta. A obtenção das autorizações para a publicação das imagens foi da responsabilidade dos autores dos artigos que para elas remetem. A estes e às instituições que permitiram a reprodução dos seus fundos, o nosso agradecimento. Uma palavra especial é ainda devida

ao bibliotecário da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (Coleção de Obras Raras), Raphael Diego Greenhalgh, pelos esforços que envidou e sem os quais não teria sido possível publicar a imagem que ilustra a capa do presente volume.

O colóquio “cores” também teria sido impossível sem os investigadores que nele participaram, apresentando o resultado das suas pesquisas (agora recolhidas nestas Atas), ou sem o público que ocorreu e assistiu às diversas sessões deste evento. Os debates e discussões que emergiram da presença calorosa de participantes oriundos de diferentes áreas científicas e com distintos interesses e perspectivas constituiu uma mais-valia que nunca será de mais reconhecer e agradecer.

Isabel de Barros Dias
Carlos F. Clamote Carreto

O VII Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de
Literatura Medieval e as respectivas
Actas contaram com o apoio de:

